

A MURALHA FERNANDINA

Tinha cinco portas e sete postigos **POR GERMANO SILVA**

A muralha chamada fernandina começou a ser construída no ano de 1336, no tempo de D. Afonso IV, e só ficou concluída, quase quarenta anos depois, em 1374, no reinado de D. Fernando. Daí a denominação. O levantamento do muro defensivo, em torno do burgo portugalense, foi decidido quando, durante a guerra com Castela, dois fidalgos galegos, D. João e D. Fernando de Castro, desceram das suas terras até às portas do Porto com o intuito de tomarem a cidade. Valeu ao burgo a resistência do arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira (avô de D. Nuno Álvares Pereira), que acudiu a socorrer esta cidade, no que foi auxiliado por D. Vasco Martins, bispo do Porto, e pelo Mestre da Ordem de Cristo, D. Frei Esteves Gonçalves, os três com o apoio, naturalmente, de todos os portuenses, sem excepção. Escorraçado o inimigo tomou D. Afonso IV a decisão de proteger a cidade com uma muralha defensiva que começou logo a ser construída. Cobre um perímetro de 3.400 metros, tem cerca de seis metros de altura quatro

de espessura. Nas obras trabalharam homens de todas as condições sociais: mesterais, vilões, camponeses e até clérigos. Imagine-se por quanto ficaria hoje uma obra desta envergadura, sabendo nós que naqueles tempos as pedras eram aparelhadas a guilho e transportadas, de longas distâncias, em carros de bois.

A muralha, por desadequada, começou a ser demolida no século XVIII. Toda?

DURAÇÃO DO PERCURSO
30 a 40 minutos

X SUGESTÃO: No Centro Português de Fotografia está exposta uma mostra fotográfica imperdível.



1 No século XVIII, anunciou-se a cedência dos terrenos, antes ocupados pela muralha, a quem se compromettesse a erguer nela moradias no espaço de cinco anos. Não faltou quem quisesse aproveitar a regalia e foram muitas as construções que se ergueram nos espaços onde antes estivera o «muro». Muitas casas da Rua das Taipas, por exemplo, e da actual Rua do Dr. Barbosa de Castro são disso um exemplo. Nesta última artéria ainda são visíveis as ameias do muro a que encostaram as moradias...



2 Uma das mais importantes portas abertas na muralha fernandina era a Porta do Olival, na Cordoaria. Por ela entrou a rainha D. Filipa de Lencastre quando chegou ao Porto para casar com D. João I, na nossa Sé. Foi nesta porta que, por ordem expressa de D. João IV, se colocou a lápide votiva em que se invocava a imagem de Nossa Senhora como padroeira do Reino. Era uma das melhores e mais bem fortificadas da cidade. Dela resta esta pequena amostra no interior do Café da Porta do Olival.

3 Ao longo de todo o circuito por onde corria a cintura da muralha, erguiam-se, a distâncias irregulares, com mais de 15 e, em alguns casos, 20 metros de altura, fortes e altas torres ou cubelos cuja função era a de ajudar na defesa contra eventuais ataques de inimigos. Eram de feição quadrada, na maioria dos casos, e algumas tinham dois andares, servindo para a colocação de vigias. Esta, a da Esperança, a S. João Novo, é uma das poucas que a incúria dos homens e as vicissitudes do tempo pouparam.



4 Na Cordoaria, correndo sobre o chão que actualmente suporta os alicerces do edifício da antiga cadeia, a muralha ia firmar-se ao longo da encosta que descia para o Douro. E era pelas traseiras das casas da actual Rua de Francisco da Rocha Soares, outrora uma viela íngreme, conhecida pela Cordoaria Velha, que seguia até ao local onde agora se vê a capela da invocação de Nossa Senhora da Esperança, onde havia uma porta que tomou o nome da padroeira da capela.



5 Paralelo à muralha, nos sítios em que as condições do terreno o permitiam, corria sempre um caminho mais ou menos acidentado consoante o «muro» se firmasse em terra plana ou em declive. As actuais Escadas do Caminho Novo substituíram a antiga serventia medieval e guardam ainda um dos mais bem conservados trechos da muralha fernandina. O sítio é privilegiado. À ilharga erguem-se as torres da igreja de S. João, o Novo. Ao longe o rio Douro, na orla de Miragaia dos marinheiros e pescadores.

